

O dono da batuta

Há uma mística em torno da figura do regente de orquestra, revela livro sobre a história dos maestros. Conhecer, e desmontar, o mito do condutor impecável ajuda a compreender seu congênere no mundo dos negócios – os inatingíveis CEOs.

por Carlos Osmar Bertero FGV-EAESP



O mito do maestro: grandes regentes em busca do poder.

Norman Lebrecht,
Civilização Brasileira.

Não é novidade comparar empresas com orquestras sinfônicas. Por isso, vale a pena saber como se comportam os CEOs das orquestras, ou seja, os maestros. Esse é o tema de Norman Lebrecht em *O mito do maestro: grandes regentes em busca do poder*. O autor conhece profundamente o mundo da música sinfônica e lírica. Conhece acima de tudo os regentes – tanto em seu desempenho diante das orquestras quanto no âmbito de sua vida privada. O quadro apresentando nem sempre é agradável.

O texto parte das origens da profissão de maestro, nascida na segunda metade do século XIX pelas mãos de Hans von Bülow, Arthur Nikisch e Hans Richter. É exatamente pela relativa modernidade da profissão que a pesquisa pode ser tão acurada: o pesquisador dispõe de documentos, registros fonográficos e testemunhos pessoais em abundância. Percorrendo a trajetória da regência, o livro chega aos dias de hoje e inclui entrevistas com grandes maestros em exercício, como Metha, Barenboim, Abbado e Sinopoli, entre outros.

Regentes de várias épocas têm carreiras e vida pessoal amplamente documentadas. Arturo Toscanini é retratado sob

uma luz sempre favorável, enquanto Herbert von Karajan é apresentado como o grande responsável pela mistificação da profissão. Foi ele quem teria iniciado o distanciamento entre o maestro e seus músicos, o culto ao estrelismo e a transformação da regência em espetáculo. Já se disse que Karajan vivia como se estivesse permanentemente diante de uma câmara. Tudo nele era meticulosamente premeditado para a manutenção do mito do homem perfeito, do profissional irrepreensível, da genialidade imperturbável.

O entrelaçamento da vida privada e profissional dos maestros constitui boa parte da atratividade do livro. Mas, à parte o deleite demasiadamente humano pela fofoca, é discutível a relevância que a vida privada possa ter sobre a obra do artista. Saber que o sempre afável Thomas Beecham era matreiro e vingativo, ou descobrir que Karajan tinha obsessão de limpeza, pode ser um prato cheio para terapeutas, mas nada acrescenta a quem ouve suas gravações.

Há informações curiosas sobre a maneira como o profissional se vende e é vendido no mercado musical, com ênfase na importância do agente ou empresário. Como há o mito de que os maestros encarnam a harmonia, a superioridade

dade e o equilíbrio, são excluídos da profissão todos os que de alguma forma supostamente fogem ao padrão – gays, mulheres e negros permanecem afastados dos pódios. As poucas exceções não alteram o fato: pódio é lugar de machos e brancos.

O trabalho de Lebrecht revela uma profissão que caminha para um impasse: onde estão os novos maestros? Ao final do livro, fica-se com a impressão de que os regentes sexagenários ou septuagenários ainda atuantes não têm sucessores à vista. Uma das explicações para o fenômeno pode residir no fato de que não se formam mais maestros da maneira tradicional, ou seja, junto a suas orquestras e seus músicos. Aos 19 anos, Karajan era maestro-assistente de uma casa de ópera na Alemanha, onde conviveu longas horas com músicos e cantores. Atualmente a ligação terminou: a regência direcionou-se para o estrelismo e houve um distanciamento entre o regente e seus músicos. Hoje, não é incomum que regentes titulares dediquem apenas algumas semanas do ano à orquestra com a qual, no passado, seus antecessores conviviam como se em um casamento monogâmico e vitalício. Um maestro pode passar boa parte do tempo em viagens internacionais, fazendo apresentações que lhe rendem cerca de US\$ 100 mil, soma que engorda o substancial salário recebido pela direção da orquestra. Enquanto isso, um músico de fila recebe – nas mais bem pagas orquestras do mundo – US\$ 200 mil anuais. Essa discrepância acabou por tornar o maestro enormemente distante do mundo dos demais profissionais da música.

Não se pode deixar de notar muitas semelhanças entre CEOs de orquestras e

os de grandes empresas. No passado, chefes executivos viviam no mesmo mundo que o da maioria das pessoas da empresa, partilhando dos problemas e dificuldades do dia-a-dia. As salas de conselho e diretoria das empresas tinham o odor das fábricas. Não mais. CEOs são hoje tecnocratas versados em finanças, estratégia, economia empresarial, análise quantitativa e celebrações de sacramentos que geram valor para acionistas. Além disso, são espetaculares, criativos, decididos, corajosos e devotados ao bem comum. Têm de produzir e gerir um espetáculo corporativo para consumo interno e externo, ou seja, para a sociedade e a comunidade de negócios. A distância que separa o mundo de um CEO do chão da fábrica é incomensurável, em todos os sentidos.

O livro de Lebrecht merece uma leitura atenta porque mostra um profissional em busca de poder, prestígio e renda, e uma profissão que se mistificou consideravelmente. A atenção deve ser redobrada se quisermos retomar a comparação entre orquestras e empresas. Os pontos semelhantes são muitos e perturbadores. No final, não custa terminar com uma velha provocação: as orquestras podem tocar sem o maestro? As empresas podem operar sem CEOs?

“Como os maestros, os CEOs têm de produzir e gerir um espetáculo para consumo interno e externo. A distância que os separa do chão de fábrica é incomensurável, em todos os sentidos.”